



**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA - UNB
INSTITUTO DE LETRAS - IL
DEPARTAMENTO DE LÍNGUAS ESTRANGEIRAS E TRADUÇÃO - LET
CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS JAPONÊS – LÍNGUA E LITERATURA**

FÁBIO DE CARVALHO LOPES

Imagem da sociedade japonesa em O Conto da Deusa, de Natsuo Kirino

**BRASÍLIA – DF
2022**

FÁBIO DE CARVALHO LOPES

Imagem da sociedade japonesa em O Conto da Deusa, de Natsuo Kirino

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de Línguas Estrangeiras e Tradução para obtenção do título de Licenciado pelo Curso de Licenciatura em Letras – Língua e Literatura Japonesa da Universidade de Brasília – UnB.

Orientadora: Profa. Dra. Kimiko Uchigasaki Pinheiro.

BRASÍLIA - DF
2022

FÁBIO DE CARVALHO LOPES**Imagem da sociedade japonesa em O Conto da Deusa, de Natsuo Kirino**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de Línguas Estrangeiras e Tradução para obtenção do título de Licenciado pelo Curso de Licenciatura em Letras – Língua e Literatura Japonesa da Universidade de Brasília – UnB.

Orientadora: Profa. Dra. Kimiko Uchigasaki Pinheiro.

Aprovado em ____ de _____ de 2022

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Kimiko Uchigasaki Pinheiro – Universidade de Brasília
(Orientadora)

Profa. Dra. Yuko Takano – Universidade de Brasília
(Examinador)

Prof. Dr. Jorge Eduardo Rocha Morais – Universidade de Brasília
(Examinador)

RESUMO

Esta monografia objetivou mostrar as correlações que o livro *O Conto da Deusa*, de Natsuo Kirino, tem com os fatos históricos que moldaram a sociedade japonesa. Neste estudo, buscamos analisar a vida da protagonista, explorando o contexto em a qual está inserida, e traçamos, a partir da análise, reflexões sobre os sentimentos humanos que envolvem a cultura japonesa, a qual possui forte influência no mundo moderno.

Palavras-chave: *O Conto da Deusa*; sociedade japonesa; literatura japonesa.

ABSTRACT

This work intended to show the correlations that the book *The Goddess Chronicle*, by Natsuo Kirino, holds with the historical facts that sculpted the Japanese society. In this study, we analyzed the book's lead character's life, exploring the context in which she lives, and we took from the analysis reflections about the human feelings that surround the Japanese culture, which has a strong influence in the modern world.

Keywords: *The Goddess Chronicle*; Japanese society; Japanese literature.

Sumário

1. Introdução	1
2. O símbolo da ilha no extremo leste	2
3. O símbolo da ilha em formato de gota	19
4. Considerações Finais	28
Referências Bibliográficas	29

1. Introdução

O livro *O conto da Deusa* foi escrito em 2008 pela autora Natsuo Kirino, pseudônimo de Mariko Hashioka (nascida em 1951). A narrativa conta a história da personagem Namima e se passa nos primórdios da sociedade, época em que os deuses que fundaram o Japão habitavam a terra dos vivos. A autora apresenta menções à situação das mulheres na sociedade, porém esta monografia não visa contemplar o feminismo presente no livro, mas sim relacionar a narrativa aos fatos históricos e à sociedade do Japão.

Dado o curto espaço, dividimos este trabalho em dois tópicos, sendo eles: O símbolo da ilha no extremo leste, no qual buscamos responder como os fatos históricos podem ser relacionados com o livro; e o símbolo da ilha em formato de gota, no qual buscamos responder como a sociedade japonesa pode ser relacionada com o livro.

No primeiro tópico, abordaremos o motivo da ilha se localizar no extremo leste comparando com os acontecimentos históricos nipônicos, como a fome que a sociedade japonesa passou na Segunda Guerra Mundial, também presente no filme *O túmulo dos vagalumes* (*Hotaru no Haka* - 火垂るの墓) do estúdio Ghibli. Em seguida, assemelharemos a amizade da Namima e Mahito ao período da história japonesa entre a chegada de Matthew Perry na baía de Edo até o lançamento da bomba nuclear na Segunda Guerra.

No segundo tópico, abordaremos o motivo de a ilha ser em formato de gota, comparando a narrativa com o Budismo, o Xintoísmo e a natureza que envolvem a cultura japonesa.

Desta forma, o presente trabalho tem o intuito de acompanhar os pensamentos da Namima durante sua vida e após a sua morte e compará-los aos fatos históricos da sociedade japonesa.

2. O símbolo da ilha no extremo leste

O livro “O conto da Deusa”, nomeado em japonês como *Joshinki* (女神記), se inicia com a narradora, Namima (cujo nome significa mulher em meio as ondas), morta, vagando pelo mundo de *yomi*, que seria algo equivalente ao purgatório ou Hades. Porém, diferente desses dois, o mundo de *yomi* está ligado diretamente ao nosso mundo, onde Izanagi no Mikoto (伊弉諾尊) selou a entrada com uma enorme pedra na cidade de Izumo (出雲) e o indivíduo que morrer seguirá vagando no caminho da escuridão e melancolia sem poder retornar ao mundo dos vivos, em espera. Talvez você se pergunte “em espera do quê?”. Até hoje essa pergunta não pôde ser respondida pelo fato de nenhuma alma ter retornado para responder-nos. No entanto, no início, o conto não nos informa como ocorrera o falecimento da jovem de apenas dezesseis anos.

Em vida, Namima morava ao sul de Yamato em uma pequena e distante ilha chamada Umihebi, localizada tão ao leste que era o ponto mais próximo do sol nascente.

No decorrer da narrativa, é apresentado como a sociedade daquela região se divide e, devido ao começo repleto de obscuridade, podemos perceber desde o início que o distanciamento na relação de um homem e uma mulher é demasiadamente maior do que da própria conexão da humanidade com os deuses, tendo em vista que a Namima, no início do livro, expressava-se como um ser íntimo da deusa Izanami no Mikoto (伊弉冉尊). Enquanto os homens trabalham pescando no mar aberto para trocar os peixes por arroz, demorando semanas ou até meses para voltarem, as mulheres ficam na ilha coletando as cobras marinhas, cuidando dos animais, colhendo as algas na praia e, principalmente, orando pelo seguro retorno dos homens que pescavam no alto-mar e pela prosperidade da ilha.

Após, a irmã da protagonista, Kamikuu (cujo nome significa filha dos deuses), fizera aniversário e reunira todos os ilhéus em casa, aglomerando pessoas até do lado de fora. Em um primeiro momento tudo parecia estar bem, mas Namima não poderia participar da congregação por ser considerada impura, tendo em vista que ela foi destinada a cuidar do cemitério, por ser *yin*, o lado das trevas do *yin-yang*. Ao final da festa a irmã é levada e, daquele dia em diante, esperava-se que Kamikuu treinasse

para ser o próximo oráculo, evidenciando cada vez mais a diferença de papel entre as duas irmãs.

Olhando para o mapa-múndi, percebemos que o Japão se localiza no extremo leste e, com essa comparação, compreendemos uma clara relação da ilha Umihebi com o país do sol nascente. No entanto, até essa altura do conto, é difícil afirmar o que a autora queria dizer.

Logo depois que Kamikuu foi levada, é revelado que aquele lugar não tinha muitos recursos para alimentar a população, algo que, subitamente, comecei a associar ao filme produzido pelo estúdio Ghibli chamado *O Túmulo dos Vagalumes*, *Hotaru no Haka* (火垂るの墓) em japonês, baseado nos últimos meses da Segunda Guerra Mundial (1939–1945). No longa-metragem, Seita, o personagem principal, começa morto, assim como a Namima no Conto da Deusa.

Abaixo, encontram-se os pensamentos de Namima contrapostos ao diálogo do Seita com sua tia, quando ele, devido aos contínuos ataques, se abrigava na casa dela.

Naquele dia, mamãe e eu havíamos comido artemísia e algas marinhas. E nada mais. Mas nós éramos muito gratas por ter comida, e comida suficiente. Os velhos que viviam sozinhos e os pobres não tinham coisa alguma para comer. Mamãe me disse que vira várias dessas pessoas vasculhando a praia, o desespero estampado em seus rostos enquanto procuravam o que quer que fosse nas areias açoitadas pelo vento. (NATSUO, 2014, p. 23)

— Teremos bolinho de arroz no almoço. Aguarde mais um pouco comendo a sopa.

— Já chega! Vocês terão sopa para o almoço também. Vocês não estão trabalhando duro pela nação e querem comer o mesmo que eles? Seita, você já está grande o suficiente para saber que todos devem cooperar. Você diz que quer comer arroz, mas faz algo para merecê-lo? (TAKAHATA, 1988)

A partir desse paralelo entre as duas obras, identifiquei que o livro *O Conto da Deusa* está mais relacionado com a Segunda Guerra Mundial do que eu imaginava. Enquanto Seita corria pelas ruas da cidade de Kōbe (神戸) roubando a comida para entregar à sua irmã, Namima era a encarregada de levar a refeição da melhor qualidade para sua irmã, mesmo que todos os ilhéus continuassem excessivamente magros e passassem fome, incluindo ela mesma. Além desse destino de levar o

banquete todos os dias, não importando se fizesse sol ou chuva, ela tinha que pegar o resto da comida que sobrou do dia anterior e jogar no mar.

Quais as mensagens que são passadas para que eu conseguisse interpretar dessa forma? No conto, todas as orientações que eram passadas à Namima eram proferidas pelos superiores fazendo que todos da ilha sofressem, assim como as ordens do imperador Hirohito (Período Showa 1926 – 1989) fizeram o povo japonês sofrer durante a guerra. No filme *O Túmulo dos Vagalumes* de autoria do autor Akiyuki Nosaka (1930 – 2015), que sentiu na pele o cenário da guerra japonesa, é notoriamente visível o sofrimento da sociedade quando os barulhos dos aviões norte-americanos passavam bombardeando todo o local.

Essa realidade é resultado do grande desejo pelo poder dos militares unidos ao Imperador. Um poder que causou cegueira a eles, anulou a ideia de humanidades de outros homens e resultou na desordem no país, no qual destruiu os lares. A ideologia de uma nação imposta pela convicção de que ela (a guerra) é inevitável, manifesta, e dramatiza o mal em cotidianos familiares que compõe a nação. (PINHEIRO; VICENTE; DOS REIS, 2017, p. 6)

Em um certo dia, Namima levou a comida para sua irmã, pegou a cesta do dia anterior para jogar no mar e um homem, chamado Mahito, da escuridão dos arbustos a chamou, evidenciando que queria o resto da comida para dar à sua mãe. Porém, mesmo sabendo da regra da ilha, que ninguém poderia tocar o que quer que toque os lábios de Kamikuu, ele só queria que sua família não morresse de fome e, assim como a citação acima, pelo desejo dos superiores, lares foram completamente destruídos.

Mahito estava em silêncio, imerso em seus pensamentos. Eu o detivera mais tempo do que o normal em nossa conversa, e numa noite como aquela, a impressão era de que a conversa estendera-se demais. Mahito olhou ao redor, cautelosamente, temeroso de que alguém pudesse ter nos seguido. Só de pensar no que talvez acontecesse se fôssemos pegos encheu-lhe os olhos de lágrimas. Ele olhou com dureza para a escuridão, as lágrimas cintilando quando iluminadas pelo luar.

— Namima, vamos comer isso. Vamos desobedecer essa lei juntos para podermos viver. (NATSUO, 2014, p. 34)

De agora em diante, a amizade da Namima e Mahito se fortificava cada vez mais e eles começaram a pegar a comida que sobrara todos os dias, desobedecendo as regras da ilha e, em consequência, Namima passou a viver com medo de ser severamente castigada. Essa insegurança da protagonista me remeteu ao primeiro

tratado desigual, no qual dois ou mais países assinam um acordo em que um é tratado como inferior. Os Estados Unidos impuseram no total oito desses tratados ao Japão, obrigando-os a fazerem diversas concessões.

Perry tinha ordens oficiais para pedir três coisas: tratamento mais humano para os náufragos, a abertura dos portos para aprovisionamento e fornecimento de combustível e uma idêntica abertura ao comércio. Era um homem determinado, disposto a usar a força, se necessário fosse, e teve o cuidado de se certificar de que os Japoneses estavam cientes da sua determinação e do potencial do seu armamento, tendo-lhes mesmo oferecido bandeiras brancas para facilitar a sua rendição. (HENSHALL, 2014, p. 96)

Desde o início dessa proximidade, Mahito mostrou ter muito interesse nessa amizade para manter sua família viva e, nesse primeiro contato, o interpretei como o comodoro Matthew Perry (1794 – 1858), o homem que liderou a frota de navios norte-americanos até Edo em 1853. Namima, por ser mais fraca e com medo do Mahito pegar a comida à força, não conseguiu dizer “não”. Essa desigualdade de poderes que Namima sentiu conecta-se com a sensibilidade da sociedade japonesa por terem que aceitar os tratados desiguais, relegando o Japão para um estatuto de nação não civilizada.

Talvez você se pergunte “Por que esses dois homens, Mahito e Matthew Perry, estão sendo relacionados?”. Foi com base nessa relação, quando Matthew Perry chegou na baía de Edo em 1853, que a era Meiji (1868 – 1912) começou a criar forma. Mahito, pensando apenas nos seus interesses, iludiu Namima para cuidar dos seus familiares.

Porém, a era Meiji não foi um período positivo para o Japão? Podemos afirmar com certeza que a abertura dos portos fora de suma importância para a modernização do Japão. Contudo, segundo Kenneth Henshall (2014, p. 97), a chegada de Matthew Perry em 1853 fez os japoneses questionarem-se sobre a incapacidade do xogunato para lidar com essas coações estrangeiras, aumentando cada vez mais a oposição.

Quatorze anos depois desse conflito interno, o imperador Kōmei (1831 – 1867) morreu, dando lugar ao imperador Matsuhito (1852 – 1912), que tinha somente 15 anos de idade quando assumiu.

Em janeiro de 1867, houve novo xogum, Yoshinobu (1837 – 1913, também conhecido por Keiki). Parecia ser um indivíduo capaz, contra o que era hábito, levando a cabo algumas reformas administrativas

úteis. Parecia também desejar bastante a reaproximação construtiva do xogunato com a corte. Os opositores a este tinham agora de agir com rapidez. Um adiamento poderia ser-lhes fatal e permitir que o xogunato reestruturado continuasse. (HENSHALL, 2014, p. 98)

Nesse período da história, o imperador praticamente não tinha poderes e era um cargo emblemático. Entretanto, devido a crescente descrença no xogunato, Yoshinobu renunciou ao cargo, passando os poderes ao imperador Matsuhiro, ocorrendo a restauração do poder do imperador, dando início assim a era Meiji.

Destaco, sobretudo, o vínculo entre Namima e Mahito, onde essa proximidade é o símbolo da chegada de Matthew Perry até a Segunda Guerra Mundial. Esse período (1853 – 1945), apesar de conturbado e cheio de controvérsias, foi essencial para o crescimento do Japão para se tornar o que é hoje.

Como era pecaminoso o nosso amor! Nossos encontros sempre cortejavam o perigo. Nós sabíamos que estávamos pisando na beira de um precipício perigoso, que um passo a mais poderia nos fazer cair. Mas não conseguíamos parar. Estávamos enfeitiçados pelo perigo. Cada vez que chegávamos na beira, dávamos mais um passo, e cada vez nos amávamos ainda mais. E nesses momentos eu sentia, no fundo do meu coração, que eu era bem mais afortunada do que Kamikuu. Eu me armava com essa sensação de superioridade. (NATSUO, 2014, p. 38)

Assim como a citação acima, mesmo que a intimidade de Namima e Mahito fosse excessivamente perigosa, eles continuaram se encontrando, descrevendo a era Meiji nas entrelinhas: Um período com muito conflito interno, mas, segundo os sentimentos de Namima que equivale toda a nação japonesa, de muita importância para o futuro do país.

Dessa forma, por que citei uma temporada tão longa (1853 – 1945)? Na Segunda Guerra Mundial, devido às célebres vitórias japonesas durante os conflitos, Kenneth Henshall (2014, p. 178) diz que o nacionalismo japonês se inchou. Na referência acima, podemos notar nitidamente que Namima começou a sentir-se superior à Kamikuu depois que ela conseguiu se relacionar com Mahito, sendo que tanto Namima quanto Kamikuu tinham interesse romântico por ele.

O nacionalismo para os japoneses daquela época, afirma Henshall (2014, p. 119), era uma causa ideal onde precisava-se de símbolos, para além de lemas. Apoiar o imperador significava que tinham um apoio para si mesmos, dando espaço assim ao sentimento renovado da identidade nacional japonesa, disseminando entre o povo lemas como: “torna-te forte e constrói uma nação forte”, “faz do teu sucesso o sucesso

de tua nação”, “torna-te forte e mostra aos ocidentais que o Japão não é uma nação com que se brinque”. (HENSHALL, 2014, p. 119)

Independente das regras, Namima e Mahito começaram a desfrutar dos prazeres da carne, sendo que, segundo as diretrizes da ilha, apenas determinadas famílias tinham permissão para terem filhos devido à escassez da comida e, aos dezesseis anos, Namima ficou grávida. Conjunto a isso, Mikura-sama, a alta sacerdotisa da ilha, conhecida como a Oráculo, morreu, quase como um ato profético, porque ela caiu no mesmo local onde Namima e Mahito se encontravam para trocar os restos da comida de Kamikuu pelas trouxas de areia. Essa misticidade da morte da Oráculo da ilha liga-se frontalmente com a crença que os japoneses tinham de que o imperador possuía uma linhagem direta com os deuses Izanagi e Izanami. Hirohito, o imperador que estava no poder na era Shōwa (1926 – 1989), foi nominalmente classificado como um deus. Com isso, o expansionismo, as ideologias subjacentes ao *Kyōiku ni Kansuru Chokugo* (教育ニ関スル勅語), o rescrito japonês sobre a educação de 1890, composto pelo imperador da era Meiji, Matsuhito, tornava o conceito de imperador divino e absoluto.

Em março de 1937 o Ministério da Educação japonês criou um documento chamado *Kokutai no Hongi* (国体の本義), traduzido como “princípios fundamentais da nação”, constituindo um documento de doutrinação. Kenneth Henshall (2014, p. 161) diz que esse documento era um registro que apelava não ao intelecto, mas sim às emoções. Cheio de inconsistências, com a linguagem propositadamente afetada, colocado fora do alcance da maioria dos leitores e, conjunto a isso, colocando uma aura de antiguidade e autoridade. Henshall também diz que uma das principais linhas de orientação era a ênfase dada à origem divina do imperador, dando importância à obediência total, ao próprio sacrifício até, à sua vontade, a tal ponto que o serviço leal ao imperador e à sua nação era não tanto um dever, mas o objetivo da própria vida.

Abaixo, encontram-se citações que definiam a nação japonesa nesse período da história:

A linhagem dos imperadores, que não sofreu interrupção, tendo recebido o Oráculo do Fundador da Nação reina eternamente sobre o Império Japonês. Esta é a nossa eterna e imutável entidade nacional. Por isso, alicerçado neste grande princípio, todo o povo, unido no coração como uma grande nação-família e obedecendo à Vontade Imperial, enaltece as belas virtudes da lealdade e da piedade filial. Esta é a glória da nossa entidade nacional. (HENSHALL, 2014, p. 161)

Estava claro que nesse período da história, eles não estavam mais lidando com um conceito que gerava unidade espiritual como descrito por Aizawa Seishisai [1782 – 1863] em 1825, ou com uma teoria política japonesa que foi projetada para acomodar instituições modernas de governo, como a constituição de 1889. O comitê de professores de universidades de prestígio queria definir as verdades essenciais do Japão, que talvez estivessem dentro do quadro religioso, ou mesmo metafísico, porque se baseavam na fé em detrimento da lógica e da razão. (BROWNLEE, 2000, pp. 10-11, tradução nossa¹)

Tendo em vista esses trechos, podemos compará-los sem desvios aos sentimentos da Namima que, mesmo questionando o fato de estar sendo obrigada a ficar presa no cemitério de Amiido, fazendo algo que não quer, não obteve uma resposta concreta do seu pai, mostrando assim que todos os ilhéus já estavam alienados.

— Namima! Pelos próximos vinte e nove dias você erguerá as tampas dos caixões e verificará se Mikura-sama e Namino-ue-sama [irmã de Mikura-sama] não retornaram à vida. Você jamais terá permissão para voltar ao vilarejo [...]

— Eu nunca mais vou poder morar com minha mãe e meu pai?

Quando fiz essa pergunta, meu pai, que estava bem queimado de sol, disse em tom de tristeza:

— Nós nos reencontraremos quando morrermos. (NATSUO, 2014, p. 41)

— Namima, eu lamento por você, mas não há nada que eu possa fazer. Ninguém pode desafiar as leis da ilha. Kamikuu precisa viver sozinha e dedicar sua vida às orações e aos rituais. Nós homens devemos sair para pescar e passar nossos dias no mar. Outros precisam ficar com fome. Nessa ilha, nós vivemos a vida que nos foi dada, ou nos tornamos iguais à família Umigame, deixada de lado para apodrecer. (NATSUO, 2014, p. 43-44)

Após muita guerra, especificamente em 1945, o Japão, devido a inferioridade de armamento, passou por diversas crises de abastecimento. Era questão de tempo até que a Terra do Sol Nascente declarasse derrota. As vontades de Namima, assim como a vontade dos japoneses que não tinham opção de não seguir a ordem do imperador, foram negadas pelo “bem maior” da ilha.

¹ Original: “It is clear that at this stage in history, they were no longer dealing with a concept to generate spiritual unity like Aizawa Seishisai in 1825, or with a political theory of Japan designed to accommodate modern institutions of government, like the 1889 Constitution. The committee of professors from prestigious universities sought to define the essential truths of Japan, which might be termed religious, or even metaphysical, because they required faith at the expense of logic and reason.”

Em 17 de julho de 1945, em Potsdam, na Alemanha, aconteceu uma reunião entre os Estados Unidos, Inglaterra, China, França e União Soviética sobre a situação da guerra. Nesse encontro foi criada a Declaração de Potsdam, apelando ao Japão para que se rendesse incondicionalmente ou enfrentasse a sua destruição rápida e total.

Segundo Kenneth Henshall (2014, p. 183), devido ao excessivo orgulho do povo, os japoneses recusaram que haviam perdido a guerra e não se renderam mesmo depois da Declaração de Potsdam. Da mesma forma que na Declaração de Potsdam, Mahito, vendo a situação em que Namima encontrava-se, ofereceu ajuda e decidiu tirá-la daquele local. Dias se passaram e aproveitando a festividade de um casamento que acontecia, Namima e Mahito fugiram da ilha usando um barco.

No entanto, se o Japão recusou a Declaração de Potsdam, por que o Mahito conseguiu salvar a Namima? Os sentimentos de Namima mostravam-se positivos. Porém, essas já não seriam mais as suas emoções, mas sim da filha de Namima, que caracteriza o futuro da nação japonesa.

Minha morte veio sem aviso. Não havia vento, não havia ondas, e a lua e as estrelas ainda não haviam aparecido. A noite estava tão escura e mesmo assim era como se tudo e todos no mundo houvessem ficado imóveis. Foi quando aconteceu. [...] Abri meus olhos e olhei ao meu redor, mas não vi coisa alguma. O céu estava negro e infinito. Era como se o tempo tivesse acabado. A magnitude do firmamento pesava sobre mim como um dossel escuro. (NATSUO, 2014, p. 51)

Pela primeira vez na história, na manhã de 6 de agosto de 1945 às 8 horas e 16 minutos, o mundo conheceu o poder devastador de uma bomba atômica. A bomba *Little Boy* foi lançada em Hiroshima. Assim como subitamente o tempo parou para a Namima, os relógios que não foram evaporados pela explosão, pararam de funcionar marcando o horário exato da explosão e as pessoas no hipocentro do estrondo foram vaporizadas instantaneamente, junto com os edifícios e as casas. Em menos de um minuto, cerca de setenta mil pessoas já estavam mortas. Porém, os resquícios radioativos levaram a queimadura na pele e o câncer para as pessoas que estavam mais próximas, custando cerca de mais noventa mil mortes nos anos posteriores.

Apesar de eu achar um exagero o lançamento da bomba mesmo naquele momento da guerra, isso não seria o suficiente para o Japão se render? Mesmo com tal acontecimento, a sociedade dividiu-se com opiniões antagônicas. Segundo Charles Pellegrino (2010), uma dessas ramificações acreditavam devotamente em uma última

grande resistência do Japão, buscando não aceitar a derrota. Caso fossem perder, levariam os norte-americanos junto.

Devido a rejeição da derrota, em 9 de outubro do mesmo ano, a bomba *Fat man*, mais forte que a *Little Boy*, foi lançada em Nagasaki, causando cinquenta mil mortes instantaneamente e cerca de trinta mil nos anos posteriores. Apesar de a segunda bomba ser mais forte, causou menos mortes porque Nagasaki é uma cidade montanhosa, evitando que a onda de calor se alastrasse ainda mais.

A não ser que estivesse disposto a assistir à sua total destruição como nação, o Japão não tinha alternativa realista senão aceitar os termos da declaração de Potsdam. Uma reunião de alto nível teve lugar na tarde de 9 de agosto. Alguns preferiam, de fato, a destruição à rendição, outros queriam continuar a combater por algum tempo, na esperança de obter melhores condições, outros estavam prontos a render-se. Hirohito estava disposto a aceitar a Declaração, desde que a instituição imperial pudesse permanecer. Os americanos [...] recusaram uma garantia incondicional, mas permitiram que o imperador pudesse reinar sob a alçada do comandante supremo das Forças Aliadas e sujeito à vontade do povo japonês. (HENSHALL, 2014, p. 184)

O Japão, desde a era Meiji, veio gerando um excesso de soberba na sociedade, conseqüentemente, levando-os a derrota. Segundo o escritor Antony Beevor (2015), mesmo depois de as estações de rádio transmitirem a derrota do Japão pelo próprio imperador Hirohito em 15 de agosto de 1945, alguns pilotos, que ouviam tudo aquilo com lágrimas escorrendo pelo rosto, partiram em uma missão final de autodestruição gloriosa.

Abaixo, encontra-se um diálogo do filme *Hotaru no Haka* (火垂るの墓), O Túmulo dos Vagalumes, logo depois da rendição do Japão.

— Tem um furacão se aproximando.
 — Teremos nosso vento divino após a rendição. Vai entender...
 — Você disse rendição? Nós perdemos a guerra?
 — Não ficou sabendo?
 — Está dizendo que o Japão perdeu a guerra? O grande Império Japonês?
 — Sim. Rendimento incondicional. (TAKAHATA, 1988)

No momento que o imperador se pronunciou, Kenneth Henshall (2014, p. 184) diz que a linguagem usada por Hirohito era refinada e arcaica, estando tão longe da linguagem do dia-a-dia que muitos japoneses simplesmente não entenderam o que

foi dito, assim como Namima não entendia as ordens que lhe foram dadas para ficar observando os caixões dos mortos. Além disso, mesmo quem entendia a linguagem não compreendeu muito bem o que foi dito, porque os termos usados eram vagos e não se referiam de maneira direta à derrota nem à rendição. Ao invés disso, Hirohito mencionou que a situação da guerra não foi necessariamente desenvolvida de forma favorável ao Japão, parecendo que o país decidiu parar de guerrear para salvar a humanidade da ameaça de destruição por parte do Ocidente, não porque o Japão estivesse derrotado.

No livro *O Conto da Deusa*, a morte da Namima aconteceu tão subitamente, como o cair de uma bomba atômica que dizimou milhares de vidas em segundos.

[...] nós seguimos em frente, de mãos dadas. Eu não estava com medo. Eu estava indo para uma terra desconhecida, e lá daria à luz os filhos de Mahito um após o outro. Liberdade! Meu peito saltava no peito como uma bola. Olhei para o perfil do Mahito, [...] eu o amava do fundo de meu coração. Daria a minha vida por ele de bom grado. Minha morte veio sem aviso [...] (NATSUO, 2014, pp. 49–51)

Quando eu era mais novo, mais especificamente no período escolar, sempre escutei as histórias do mundo com uma visão ocidentalizada. Nunca parei para refletir quantas vidas inocentes foram perdidas com a bomba atômica por causa do orgulho japonês. Porém, esse orgulho exacerbado que com que os japoneses são caracterizados não poderia ser uma estratégia política norte-americana que foi passado para nós? Será que era realmente necessário soltar uma bomba nos civis naquele momento? O ocorrido definitivamente não pode cair somente nas costas do Japão. Segundo o historiador Alex Wellerstein (2021), a bomba atômica norte-americana surgiu nas sombras, em sigilo. A ciência que era para ser um coletivo global, manteve-se em segredo em relação a bomba atômica, causando uma tensão enorme no mundo desde o primeiro sussurro da existência da bomba até os dias de hoje com a guerra que vem acontecendo entre a Rússia e a Ucrânia e entre a China e Taiwan.

— Ali deve ser Yamato. Nossa longa e árdua viagem está chegando ao fim — sussurrou Mahito enquanto eu estava deitada de lado, os olhos fechados. Eu estava exausta, mas consegui sorrir, estimulada pela esperança. Quando alcançássemos Yamato, Mahito me dizia, nós construiríamos uma pequena cabana em frente ao mar, onde viveríamos, pobres, porém felizes. Isso era o que ele me dizia seguidamente. Como eu ficava feliz, sabendo que a minha filha

escapara da sina que seria imposta a ela em nossa ilha. (NATSUO, 2014, p. 52)

Mahito transformou a vida de Namima, deixando-a segura dos perigos do mundo, mas é nesse exato momento que Mahito, subitamente, matou Namima enforcada. Desde o início da narrativa Mahito não tinha nenhum interesse nessa amizade, mas sim em Yayoi, sua filha, o futuro da nação japonesa. Antes de dar o último suspiro, Namima ouviu Mahito dizer: perdoe-me.

Eu morri sozinha, confusa. Não fazia a menor ideia do que aconteceria comigo. Aquelas palavras de despedida haviam sido ditas de modo tão repetido: "Namima, perdoe-me." Aos poucos, meu corpo foi ficando frio, mas eu ainda conseguia ouvir a voz trêmula dele, sentir as lágrimas escorrendo por meu rosto, e os pequenos lábios de Yayoi em meu peito. Meus sentidos permaneciam vivos, mas meu corpo enrijeceu e, à medida que os dias foram se passando, minhas entranhas começaram a apodrecer. Meus sentidos foram sumindo aos poucos. (NATSUO, 2014, p. 54)

Essa frase do Mahito "...perdoe-me" depois de matar Namima remeteu-me ao fato histórico das bombas nucleares, se foi necessário ou não jogar a bomba e se os norte-americanos o fizeram se arrependendo no mesmo momento do lançamento. Harry Truman, o presidente dos Estados Unidos da época, depois que os tripulantes retornaram do ataque, disse: "Não percam o sono por terem cumprido essa missão. A decisão foi minha, vocês não podiam escolher." Paul Tibbets (1915-2007), o piloto que lançou a bomba em Hiroshima, disse no documentário *"The Men Who Brought the Dawn"* (1995) que queria fazer de tudo para subjugar o Japão e matá-los, porque essa era a atitude dos norte-americanos naquele momento e que estava convencido que salvaria mais vidas se soltasse as bombas.

Enola Gay, o avião B-29 nº 82 que Paul Tibbets pilotou para soltar a bomba, é uma homenagem ao nome da mãe de Tibbets, Enola Gay Haggard Tibbets, e foi o próprio Tibbets que nomeou o avião. Segundo o professor Peter J. Kuznick (2008), Tibbets mostrou seu apreço pelo apoio da sua mãe associando-a para sempre com o que se tornaria o voo mais controverso da história. Nos dias imediatamente anteriores ao lançamento da bomba, continua afirmando o professor, os homens aprenderam mais sobre a missão histórica e foram novamente informados da tremenda contribuição que dariam para acabar com a guerra. Quase todos se agarrariam ferozmente a essa versão dos eventos pelo resto de suas vidas. Momentos antes de embarcarem, um cirurgião de voo entregou a Tibbets uma dúzia de cápsulas de

cianeto, um composto altamente tóxico que foi bastante usado pelos criminosos de guerra para cometerem suicídio, para distribuir entre os membros da tripulação caso algo desse errado.

Tibbets explicou: “Recebi a ordem do Comandante Chefe, do Pacífico, pouco antes da decolagem. Foi uma coisa infernal saber que você pode ter que matar sua própria tripulação.” Porém, Tibbets entendeu que havia pouco risco de ser abatido. (KUZNICK, 2008, p. 5, tradução nossa²)

A citação acima tem uma hipocrisia sem limites, objetivando a destruição de um inimigo, onde o ato causou dezenas de milhares de mortes momentos posteriores, e Tibbets preocupou-se somente com sua tripulação que não passava de vinte pessoas, onde não teve nenhuma baixa. Peter J. Kuznick (2008) afirma que durante a passagem do avião Enola Gay sobre o Japão não houve nenhuma contestação por parte dos japoneses e Tibbets se gabava dizendo que não estava nervoso e que era capaz de fazer qualquer coisa. Thomas Wilson Ferebee (1918-2000), um dos membros da tripulação, soltou a bomba gritando “bomb away” e Tibbets anunciou no microfone que eles foram os primeiros a lançarem uma bomba atômica na história. 43 segundos depois de solta, a bomba explodiu, remetendo aos últimos momentos da Namima com o Mahito. Depois do incidente, os tripulantes deram seus depoimentos.

O coronel Ferebee disse que não tinha palavras para descrever o quão brilhante era o flash. O sol não era nada se comparado com a grande explosão. Depois de muitos anos do final da guerra, Ferebee foi entrevistado e nessas conversas, sobraram apenas lembranças da cidade inteira sendo coberta por uma nuvem de cogumelo, onde, na medida que o caule se formava, sugava junto os pedaços das casas.

O Sargento Robert H. Shumard (1920-1967) disse que não havia nada além da morte naquela nuvem e todas as almas japonesas ascendiam ao céu.

O operador de rádio Sargento Abe Spitzer (1912-1984) disse que abaixo deles havia um grande incêndio espalhando-se até onde ele podia ver. Porém, não era um fogo comum porque continha mais cores do que Spitzer poderia imaginar e o hipocentro, o maior brilho, parecia maior que o sol, onde, parecia que, de alguma

² Original: “Tibbets explained, ‘I had been given the order by the Commander-In-Chief, Pacific, shortly before take-off. It was a helluva thing to know you might have to kill your own crew.’ But Tibbets understood that there was very little risk of getting shot down.”

forma, o sol havia sido derrubado do céu e, abaixo de todos, parecia nascer novamente, somente indo rapidamente na direção dos aviões. Concomitantemente a isso, a própria bola espalhou-se para fora, cobrindo toda a cidade e por todos os lados estava envolto de chama sendo semiculta por uma coluna espessa e impenetrável fumaça cinza esbranquiçada, que se estendeu até as cordilheiras da cidade, subindo na direção da tripulação. Devido ao poder devastador da bomba, com as colunas de fumaça mudando de cinza para marrom, depois amarelo, depois as três cores ao mesmo tempo, misturadas em um arco-íris brilhante e fervente, Spitzer ouviu alguém dizer “eu me pergunto se não estamos brincando com coisas que não são da nossa conta” (KUZNICK, 2008, p. 9, tradução nossa³).

O Comandante George W. Marquardt (1919-2003), anos depois do fim da guerra, disse ao Salt Lake Tribune em 1995 que parecia que o sol tinha saído da terra e explodido. Uma fumaça fervia ao redor do flash enquanto subia e era como se uma mão monstruosa estivesse batendo na lateral do avião. Diante da contradição de longa data, Marquardt disse que nunca se arrependeu nem por um momento da sua vida por participar do lançamento da bomba atômica, porque isso acabou com uma guerra terrível e em todo momento defendeu a decisão do presidente Harry S. Truman de usar a bomba.

O Sargento Técnico George Robert Caron (1919-1995) descreveu o cenário como uma espada no inferno, onde uma coluna de fumaça subia rapidamente, surgindo um núcleo vermelho ardente e borbulhante com uma massa de cor acinzentada. Caron continuou afirmando que os incêndios surgiam por toda parte, como chamas saindo de uma enorme cama de carvão.

Estou começando a contar os incêndios. Um, dois, três, quatro, cinco, seis... quatorze, quinze... é impossível. Há muitos para contar. Aí vem a forma de cogumelo que o capitão Parsons falou. [...] O cogumelo está se espalhando [...] está crescendo, crescendo e crescendo. Está quase nivelado conosco e subindo. É muito preto, mas tem um tom arroxeado na nuvem. A base do cogumelo parece uma nuvem pesada que é atravessada por chamas. A cidade deve estar abaixo disso. As chamas e a fumaça estão subindo e girando em direção ao sopé. As colinas estão desaparecendo sob a fumaça. (KUZNICK, 2008, p. 7, tradução nossa⁴)

³ Original: “I wonder if maybe we’re not monkeying around with things that are none of our business.”

⁴ Original: “I am starting to count the fires. One, two, three, four, five, six... 14, 15...it’s impossible. There are too many to count.” “Here it comes, the mushroom shape that Captain Parsons spoke about. [...] “The mushroom is spreading out. [...] It’s growing up and up and up. It’s nearly level with us and climbing. It’s very black, but there is a purplish tint to the cloud. The base of the mushroom looks like a heavy

Devido ao grande impacto, o copiloto Robert Alvin Lewis (1917-1983) disse que, mesmo com o avião onde ele estava chegando a quatorze quilômetros de distância da explosão, Lewis achava que um gigante estava esmagando o avião com um poste telefônico. Anos depois da guerra Lewis disse que nunca esqueceria esse sentimento de ver uma cidade desaparecer em poucos segundos.

No voo de volta o Sargento operador de radar Joseph S. Stiborik (1914-1984) lembrou-se da tripulação sentada em silêncio e as únicas palavras que Stiborik “recordou ouvir foram do Lewis dizendo: ‘Meu Deus, o que fizemos?’” (KUZNICK, 2008, p. 10, tradução nossa⁵). Confuso, Stiborik explicou que ninguém jamais tinha visto o que uma bomba atômica era capaz de fazer antes. Em um minuto tudo estava normal e no minuto seguinte, uma cidade tão grande como Dallas, no Texas, havia desaparecido. Testemunhando tal feito, em choque, Stiborik achava que a coisa mais importante na cabeça da tripulação era que esse ato acabaria com a guerra e todos tentaram ver dessa forma.

Nos dias subsequentes, em entrevistas, Tibbets disse que era difícil acreditar no que ele estava vendo e foi tudo tão rápido que não conseguiu ver nada, só sentir o calor da explosão. O que tinha sido de Hiroshima subia em uma montanha de fumaça e uma nuvem de poeira raivosa espalhava-se por toda a cidade, alastrando o incêndio nos arredores da cidade quando os canos de gás quebravam juntamente com os prédios.

Ao longo dos anos, as pessoas perguntavam reiteradamente ao Tibbets se tinha algum remorso pelo que fez. No entanto, Tibbets nunca dizia que tinha arrependimentos. Em uma entrevista com o escritor e radialista Louis Studs Terkel (1912-2008) em 2002, Studs perguntou se Tibbets já havia repensado sobre o lançamento da bomba. Tibbets diz que não, complementando que tinha entrado na corporação aérea para defender os Estados Unidos com o melhor da sua capacidade. Segundo Tibbets, tudo que aconteceu foi a coisa certa a se fazer e ao receber a notícia que soltaria uma bomba nuclear, Tibbets pensou que, sim, mataria muitas pessoas, mas, por Deus, salvaria muitas outras vidas porque não teria que invadir o Japão. Nessa mesma entrevista, Studs perguntou se Tibbets sabia do poder de uma bomba

undercast that is shot through with flames.” “The city must be below that. The flames and smoke are billowing out, whirling out into the foothills. The hills are disappearing under the smoke.”

⁵ Original: “The only words he recollected hearing were Lewis’s ‘My God, what have we done.’”

atômica e se foi informado sobre isso. Tibbets disse que não sabia de nada na época, mostrando que a bomba era algo extremamente sigiloso, assim como afirmado pelo historiador Alex Wellerstein (2021). Cientistas como Julius Robert Oppenheimer (1904-1967), conhecido como o “pai da bomba atômica”, não contaram a Tibbets o poder destrutivo da bomba. O cientista que contou sobre o poder destrutivo para Tibbets foi Norman Foster Ramsey (1915-2011). Porém, Ramsey, disse vagamente sobre o que a bomba era capaz.

Após esses depoimentos, abaixo encontra-se os pensamentos da Namima quando morreria.

Eu jamais poderia retornar ao mundo dos vivos. Então era verdade. Mahito me matara. De repente, senti novamente os dedos dele em minha garganta e um calafrio percorreu-me a espinha. Eu percebi que estava chorando. Eu podia sentir lágrimas escorrendo pelo meu rosto. Quando me trancaram no cemitério de Amiido, eu ficara tremendamente assustada. Mas embora Amiido fosse um reino da morte, ainda assim eu recebia pessoas vivas. Este lugar, por outro lado, não demonstrava o menor indício de que algo assim pudesse acontecer. Era verdadeiramente o mundo dos mortos. (NATSUO, 2014, p. 56)

Abaixo do cogumelo dezenas de milhares de inocentes já estavam mortos. Os Estados Unidos deixaram uma marca que ficará registrada eternamente na história do mundo, assim como Mahito, a representação do relacionamento entre os Estados Unidos e Japão, deixou a marca das suas mãos na garganta da Namima, a representação das pessoas mortas em Hiroshima e Nagasaki. Essas pessoas, por uma ação precipitada e sem noção do estrago que seria feito, deixaram suas famílias, medos, desejos, angústias para trás e juntaram-se com a Namima no mundo dos mortos.

Com isso os norte-americanos arrependem-se ou não do lançamento da bomba? É difícil responder a essa pergunta analisando somente por um lado. Existem pessoas que possuem a mesma linhagem de pensamentos de Tibbets: se não fosse a bomba naquele período da história mais sangue seria derramado. Nos anos posteriores, mais especificamente em 1985, durante a Guerra do Vietnã, Tibbets disse em uma entrevista que se fosse necessário, soltaria outra bomba em Hanói, a capital do Vietnã, para defender os Estados Unidos dos inimigos. Tibbets, assim como Mahito, preocupam-se somente com seus interesses, sem pensar no coletivo global, seguindo uma lógica da individualidade.

Abaixo, encontra-se uma das últimas perguntas feita por Studs ao Tibbets, que resume os pensamentos do Mahito ao matar Namima:

— Uma última coisa, quando você escuta as pessoas dizendo: “Vamos acabar com eles, Tibbets”, “Vamos acabar com essas pessoas”. O que você pensa?

— Eu não hesitaria se tivesse escolha. Eu os eliminaria. Você mataria pessoas inocentes ao mesmo tempo, mas nunca travamos uma guerra em nenhum lugar do mundo, onde eles também não mataram pessoas inocentes. Se os jornais cortassem como quiserem, dizendo: “Você matou tantos civis” Eu responderia que seria o azar deles por estarem lá. (TERKEL, 2002, tradução nossa)⁶

Antes da morte, Tibbets pediu para que suas cinzas fossem espalhadas pelo local onde passou muitas horas voando durante o período de guerra. Segundo o professor Peter J. Kuznick (2008), a neta de Tibbets, Kia Tibbets, explicou que seu avô não queria um funeral porque não queria correr o risco de haver alguma manifestação ou alguém desconfigurar sua lápide.

[...] Tibbets manteve seu exterior rude, inflexível e sem remorso até o fim. No entanto, a neta, Kia Tibbets, que cresceu em sua casa, se lembrava dele de maneira diferente. “Ele sempre disse que me amava”, “Esse é um lado dele que as pessoas nunca viram” (KUZNICK, 2008, p. 32, tradução nossa⁷)

Os norte-americanos, assim como os japoneses e a Namima na ilha de Umihebi, também tiveram seus meios de alienação e com Tibbets não foi diferente, considerando que o piloto estava vivo durante a Primeira e a Segunda Guerra Mundial. Propagandas utilizando dos sentimentos humanos para desvalorizar o país inimigo e “combater o mal” eram muito comuns em meio a esses conflitos.

Podemos perceber claramente que as opiniões incutidas nos seres humanos levaram e levam desastres até os dias de hoje. Em março de 1937, com a expansão

⁶ Original: “**ST:** One last thing, when you hear people say, ‘Let’s nuke ‘em,’ ‘Let’s nuke these people,’ what do you think? **PT:** Oh, I wouldn’t hesitate if I had the choice. I’d wipe ‘em out. You’re gonna kill innocent people at the same time, but we’ve never fought a damn war anywhere in the world where they didn’t kill innocent people. If the newspapers would just cut out the shit: ‘You’ve killed so many civilians.’ That’s their tough luck for being there.”

⁷ Original: “He maintained his gruff, unyielding, and unapologetic exterior until the very end. But his granddaughter Kia Tibbets, who grew up in his home, remembered him very differently. ‘He always told me that he loved me,’ she said. ‘It’s not a side of him that other people saw.’”

do *Kokutai no Hongi* (国体の本義), os princípios fundamentais da nação, intensificou-se a doutrinação dos japoneses, levando-os a não questionarem nada, obedecendo somente às ordens de um ser divino que nunca existiu. Para o linguista Roy Miller (1982), o *Kokutai no Hongi* era um termo conveniente ao imperador, indicando a maneira que a nação japonesa era simultaneamente diferente e superior as outras nações do mundo.

No entanto, essa alienação não começou somente em 1937. “Se o Japão tivesse sido capaz de moderar as suas ambições e também engolir algum do seu orgulho, suportando as atitudes racistas de recusa por parte do Ocidente, a história do século XX poderia ter sido diferente. Falar depois dos acontecimentos é uma coisa maravilhosa.” (HENSHALL, 2014, p. 189)

3. O símbolo da ilha em formato de gota

No livro *O Conto da Deusa*, Namima diz que mora em uma incomum ilha no formato de uma gota. O molde dessa ilha pode parecer incomum nesse primeiro momento, porém, ao longo da narrativa, notei que esse formato da ilha pode ser mais comum do que podemos imaginar. Podemos entender isto através de uma melhor compreensão sobre como a sociedade japonesa funciona.

Desde quando meu interesse pela cultura japonesa se ampliou, nunca consegui decifrar se os japoneses estão felizes com a sociedade em que vivem ou não e no livro *O Conto da Deusa* é notório o comportamento, principalmente dos adultos, de seguirem suas vidas ouvindo as ordens dos superiores sem se questionarem.

[...] Normalmente, Kamikuu e eu comíamos juntas, e vê-la partir sozinha me deixara arrasada. Eu tinha a sensação de que ela estava sedo tirada de mim, o que me deixou terrivelmente ansiosa. Por fim a comilança arrefeceu e Kamikuu saiu da casa principal. Eu corri para o lado dela. Mas Mikura-sama empurrou-me para trás.

— Namima, você não pode estar aqui. Você não pode olhar para Kamikuu.

— Por quê, Mikura-sama?

— Porque você é impura. (NATSUO, 2014, p. 12-13)

Interpretei a resposta de Mikura-sama “porque você é impura”, não como o sentido negativo da palavra, mas como: porque a natureza é assim. No filme *Narayama Bushikou* (檜山節考), traduzido para o português como *A Balada de Narayama* (1983), produzido pelo cineasta Shohei Imamura (1926-2006), nos é apresentado uma pequena aldeia do Japão e, devido à falta de comida, todos que chegam nos setenta anos de idade deverão deixar a aldeia, sendo carregados pelo filho ao topo da montanha para morrer, fazendo assim o que eles chamam de *ubasute* (姥捨て), abandonar um/a idoso/idoso, ou *oyasute* (親捨て), abandonar os pais. Caso o idoso se recuse ir ao monte quando chegar sua vez, descumprindo com as leis e regulamentos, desonrará seus familiares. Nesse longa-metragem, Orin, a mãe de Tatsuhei, o protagonista, está com sessenta e nove anos de idade e sua saúde ainda está boa, mas Orin se sabotava quebrando seus dentes para mostrar que não consegue nem comer mais. Orin não quer se apegar a essa vida e deseja cumprir com o seu papel, juntando-se aos deuses da montanha. Tatsuhei, por sua vez, não queria cortar o laço familiar com a mãe e mesmo quando carregou Orin ao topo da montanha,

Tatsuhei tentou convencê-la a voltar. Porém, Orin se recusou e ficou na montanha para morrer. Namima, assim como os idosos do filme *A Balada de Narayama*, foi abandonada pela sociedade porque esses eram os costumes da ilha. Em outras palavras, porque a natureza é assim.

A cultura japonesa está englobada por essa crença. No entanto, o que seria essa natureza? Tudo isso pode ter relação com o Xintoísmo, o primeiro conjunto de crenças do Japão, somado ao Budismo que, segundo o professor e pesquisador Ronan Alves (2006, p. 2), foi implantado no Japão por volta dos séculos VI a.C. com a corrente Mahayana (“O grande veículo ou Ensino”). Ao longo dessa história milenar, afirma o pesquisador, o Budismo nunca se concretizou como uma expressão religiosa monolítica e nos dias de hoje existem diversas variações do budismo com centenas de subdivisões.

O processo de popularização do Budismo, que demorou vários séculos, envolveu sua “japonização”, principalmente através de sincretismos com o Xintoísmo e as crenças populares. Um exemplo desta combinação de elementos religiosos é o movimento *Shugendō*, organizado no período Heian (794-1185) e que juntava o culto a divindades xintoístas (*kami*) residentes em montanhas sagradas com elementos do Budismo esotérico, práticas e teorias taoístas, e outras influências religiosas. (PEREIRA, 2006, p. 3)

Com essa fusão entre o Budismo e o Xintoísmo podemos entender cada vez mais a sociedade japonesa. Tanto no livro *O Conto da Deusa* como no filme *A Balada de Narayama*, percebemos que o Budismo e Xintoísmo estão diretamente enraizados na literatura, no cinema e em muitos outros meios.

Por que me refiro tanto a esses conjuntos de crenças? Compreender uma sociedade sem conhecer a religião do local torna esse processo dificultoso, porque a crença geralmente é incutida no indivíduo desde quando é criança. No Brasil, por exemplo, existem católicos que, mesmo não frequentando veementemente a igreja, costumam fazer o símbolo da cruz ao passar na frente de uma igreja como um ato inconsciente e seguem suas vidas nos moldes do cristianismo. Isso não é diferente no Japão, pois existem japoneses que, por tradição, se curvam ao passarem por um *torii*, a entrada de um santuário xintoísta, seguindo suas vidas nos moldes do Xintoísmo.

Durante os quinze séculos desde sua introdução no arquipélago japonês, o Budismo contribuiu enormemente para a cultura japonesa assim como também sofreu profundas transformações no seu processo de aclimação à sociedade japonesa. [...] A escrita chinesa, por exemplo, foi introduzida concomitantemente com o Budismo. Os templos foram, até a época moderna, centros religiosos, artísticos e educacionais. Até o governo Meiji (1868-1912) instituir um sistema público de ensino, a maioria das escolas primárias estava associada aos templos budistas (terakoya). Agências e agentes do Budismo disseminaram no país técnicas de impressão e artísticas (pintura, cerâmica, escultura, jardinagem, etc.), estilos arquitetônicos, uso de almanaques, rudimentos de medicina chinesa, costume de beber chá... e a lista poderia se estender ainda mais. Devido ao sistema paroquial budista (danka seidô) instituído no período Tokugawa (1600-1868), praticamente todo vilarejo possuía pelo menos um templo budista e cada família estava compulsoriamente afiliada a um templo, ao longo de várias gerações. Tal sistema é um dos principais responsáveis pelo fato dos japoneses serem majoritariamente budistas “por tradição”. (PEREIRA, 2006, p. 4)

Essa mistura de crença entre o Budismo e o Xintoísmo não se omite na obra *O Conto da Deusa*. Na ilha de Umihebi, o lugar onde Namima nasceu, existe a tradição de agradecerem os *kami* (神), remetendo ao Xintoísmo e no velório, assim como no Budismo, um sacerdote, enquanto faz medidas, canta um sutra como os sacerdotes da ilha de Umihebi. Ronan Alves diz que o Budismo não teve somente um relacionamento sincrético com o Xintoísmo, como desenvolveu também uma espécie de divisão de trabalho. Enquanto o Xintoísmo geralmente está relacionado com o nascimento e o matrimônio, o Budismo continua na esfera do culto aos antepassados e dos ritos funerários.

Segundo Fernando C. Chamas (2006, p. 27), foi um processo natural para o budismo e o xintoísmo conceber deuses com nomes e individualidades definidos, que poderiam ser a reencarnação de personagens lendários ou históricos, bons ou maus, mas que se converteram ao budismo por terem escutado sermões de Buda, unindo uma existência histórica e individual com uma existência mitológica e universal.

Abaixo, encontra-se os pensamentos de Namima, que enfatizam rituais Budistas, enquanto conversa com a deusa Izanami, uma deusa Xintoísta.

Na ilha onde nasci, os mortos eram depositados em túmulos grandes o bastante para que seus espíritos encontrassem a paz. Por fim eles partiriam, sozinhos, para o fundo do mar. Nós acreditávamos que a parte subterrânea da ilha era o mundo dos mortos. Passamos a ter essa crença observando a passagem do sol. Depois que o sol aquece a ilha durante o dia, ele mergulha no mar abaixo da ilha, onde brilha ao longo do leito do mar e então faz seu caminho de volta à superfície para nascer novamente no leste. Sempre que mergulhávamos no mar

e víamos a beleza lá embaixo, acreditávamos que tudo isso estava lá para os mortos, o que nos deixava calmos e felizes. Os raios de sol podiam até não alcançar as partes mais fundas do oceano, mas adoráveis vegetações marinhas cresciam nas mais brancas das areias. Correntes de água fria passavam como brisas e acariciavam delicadamente os ossos dos mortos. (NATSUO, 2014, 57-58)

Nos dias de hoje, no Japão, existe um evento chamado festival Obon que é uma das festividades com maior duração de dias. Porém, o que seria esse evento e como relacionamos com o livro *O Conto da Deusa*? Nesse evento, acredita-se que os espíritos dos antepassados retornam ao nosso mundo para visitar os parentes e para que a chegada seja de maneira rápida e o retorno de maneira lenta os japoneses fazem dois enfeites: um pepino com quatro palitos enfiados formando suas patas, representando um cavalo e uma berinjela também com quatro palitos enfiados formando suas patas, representando uma vaca. Para que os espíritos dos familiares não se percam no caminho, uma fogueira é acesa, guiando os mortos à terra dos vivos. No final do último dia, lanternas flutuantes são jogadas nos lagos, rios e mares, orientando os espíritos a retornarem ao seu mundo. Namima, já morta, consegue enxergar somente o breu em sua volta, mas, às vezes, Namima escutava vagamente o som da onda do mar como se a própria terra estivesse pulsando. Dessa maneira, como os vivos nunca testemunharam esse evento do lado da pessoa que está morta, esses tênues barulhos das ondas podem ser os vivos querendo chamar a atenção dos mortos para darem boas-vindas ao seu retorno. Tudo isso ocorre enquanto Namima está ao lado da deusa Izanami, certificando a adaptação das práticas do Xintoísmo com as práticas Budistas.

De que maneira isso se liga com a natureza? Primeiro, precisamos voltar para o ano 681, onde teve início o primeiro registro de compilação de crônicas do Japão sobre o processo da constituição do Japão e do seu povo, o *Nihon Shoki* (日本書紀). O objetivo dessa coletânea era criar uma narrativa coesa e linear sobre a linhagem imperial japonesa, baseado nos estilos de narrativas chinesas que eram muito prestigiadas no passado, ajudando, inconscientemente, na construção da identidade do povo japonês.

O Nihonshoki, *Crônicas do Japão*, é uma das principais fontes de estudo da história e do pensamento japonês da antiguidade. Possui uma estrutura narrativa singular, específica para contar as narrativas do Tomo I, Criação do Universo, e do Tomo II, Mitologia Japonesa. (HASHIMOTO, 2020, p. 7)

Assim como na citação acima, o Tomo I das crônicas do Japão conta sobre as principais divindades da mitologia japonesa. Depois de sete formações nascidas do próprio cosmo, surgiram *Izanagi no Mikoto* (伊弉諾尊) Supremo Deus da União e *Izanami no Mikoto* (伊弉冉尊) Suprema Deusa da União, que protagonizaram a criação do universo. A narrativa do Tomo I vai até a expulsão do *Susano no Mikoto* (素戔鳴尊) Deus do Mar e das Tormentas do mundo celestial, devido sua revolta ao ver sua irmã, *Amaterasu Oomikami* (天照大御神) Deusa do Sol, nomeada como a mais importante das divindades. O Tomo II conta a história dos deuses, semideuses e homens que antecederam a chegada do primeiro imperador Jin'mu, o homem que os japoneses acreditavam ser o fundador da nação japonesa, o primeiro da linhagem milenar imperial e descendente direto da *Amaterasu Oomikami* (天照大御神) Deusa do Sol. A partir desse conto alguns japoneses passaram a acreditar que os imperadores tinham uma linhagem com os deuses, criando um senso de superioridade.

Cerimônias, feitas na antiguidade do Japão, desenvolveram-se girando em torno do ciclo de uma boa colheita do arroz, criando-se o *shintō* (神道), traduzido para o português como Xintoísmo. Porém, no começo, o Xintoísmo não tinha nomenclatura definida e só foi adquirir um nome com a expansão do Budismo no Japão para ser diferenciado. O Xintoísmo tem várias práticas que, ao longo dos anos, foram emendadas na cultura japonesa, estabelecendo a harmonia entre o homem e a natureza. A palavra *shintō* (神道) é a união de dois ideogramas: 神 (*kami*), que em muitos lugares é traduzido como deus, e 道 (*michi*), que é traduzido como caminho. Em resumo, *shintō* significa “caminho de deus”. Apesar disso, a palavra *kami* (神), para os japoneses, não significa deus, assim como o Deus do cristianismo, mas sim como entidades sobrenaturais que residem em todos os lugares, espíritos ou fenômenos que coexistem com o homem na natureza.

Abaixo, encontra-se a primeira conversa e pensamentos da surpreendida Namima com a deusa do mundo dos mortos, Izanami.

— Namima, não se assuste. Por favor, aproxime-se.

[...]

— Sou grata por sua gentileza, mas posso perguntar qual é seu nome?

— Izanami, Deusa do Mundo Subterrâneo.

A voz dela não tinha expressão e, para uma deusa, sua aparência era de dar pena.

Eu jamais ouvira o nome Izanami antes. Mas estava claro que ela não era um ser humano e eu estava aterrorizada demais para levantar a cabeça e olhar para ela. Ela disse que era uma deusa — uma divindade — então devia ser. Mas ela não parecia nem um pouco com a imagem que eu tinha de uma deusa. Quando eu morava na ilha, a deusa com a qual sonhava tinha um rosto delicado e gentil.

(NATSUO, 2014, p. 56)

Mesmo confusa, Namima não demorou muito para se adaptar àquela natureza do mundo dos mortos, levando-nos a cultura do *shou ga nai* (しょうがない). No entanto, o que seria essa cultura? Em suma, *shou ga nai* (しょうがない). pode ser traduzido como “Não tem o que fazer”, “nada pode ser feito a respeito”. Essa frase seria o hábito dos japoneses de adaptarem-se às regras, sem se questionarem se aquilo é certo ou necessário, envolvendo uma cultura de aceitar as coisas como elas são, conjuntamente com a sua impermanência. Porém, isso não inclui somente no comportamento dos japoneses, como tudo que está atrelado a cultura do Japão. Um exemplo seria a própria arquitetura japonesa, que, segundo Héctor García e Francesc Miralles (2016), segue o espírito *wabi-sabi*, um conceito japonês que ensina a beleza da natureza perecível, mutável e imperfeita de tudo o que nos rodeia. Ao invés de buscarmos a beleza na perfeição, devemos procurá-la no que seria imperfeito, incompleto. Somente o que é imperfeito, efêmero e incompleto tem verdadeira beleza, uma vez que, assim, assemelha-se à natureza. Héctor García e Francesc Miralles continuam afirmando que nós, ocidentais, estamos acostumados com a arquitetura da Europa que busca a imutabilidade de catedrais e edifícios de pedra. A arquitetura greco-romana que ama a simetria, as linhas perfeitas e delimitadas, fachadas imponentes, edifícios e estátuas de deuses que transcendem a passagem dos séculos. Porém, temos uma sensação de que nada muda e nos esquecemos da passagem do tempo. Enquanto isso, a arquitetura japonesa não tenta ser imponente e nem pretende ser perfeita. As tradicionais construções em madeira assumem que deixarão de existir no futuro e que necessitarão das gerações futuras para serem reconstruídas, aceitando, assim, a natureza transitória do ser humano e de tudo o que criamos. “O segredo é “aceitar” que há certas coisas sobre as quais não temos controle, como a passagem do tempo ou a natureza efêmera do que nos rodeia” (GARCÍA; MIRALLES, 2016, p. 136)

A arquitetura japonesa, mesmo sendo herdada da cultura chinesa, adaptou a sua geografia, um lugar cheio de terremotos, construindo as casas de madeira e as paredes internas de papel de arroz e ao observamos esses edifícios, principalmente os antigos, não vemos somente o toque japonês que foi dado às construções, como também a capacidade dos japoneses de se moldar aos desastres naturais que afetam o Japão constantemente. Não importa o quão ruim seja a localização, o Japão conseguiu se ambientar com a natureza.

A responsabilidade de quem cria algo, seja ele um artista, um engenheiro ou um cozinheiro, é usar a natureza para “dar vida” ao que criou, sempre a respeitando. Enquanto trabalha, o artesão se une ao objeto e flui com ele. Um ferreiro diria que “o ferro tem vida”, um ceramista diria que “o barro tem vida”. Os japoneses são bons em unir natureza e tecnologia; não é o homem contra a natureza, mas sim a união de ambos. (GARCÍA; MIRALLES, 2016, pp. 78-79)

Sukiyabashi Jiro, o restaurante que foi o primeiro local de sushi do mundo a conquistar três estrelas Michelin, não foge à regra dessa natureza. Jiro, o dono do restaurante que exerce a profissão de cozinheiro há mais de oitenta anos, apesar de idoso, faz questão de ir ao mercado de peixe escolher o melhor atum para “dar vida” a sua criação, sempre respeitando o alimento desde a origem. Esse restaurante, que humildemente serve somente dez pessoas em um pequeno balcão, já recebeu o ex-presidente dos Estados Unidos, Barack Obama, juntamente com o ex-primeiro ministro do Japão, Shinzō Abe e, independente de receber pessoas tão importantes, Jiro nunca cogitou em abrir filiais para expandir seu negócio.

Katsushika Hokusai (1760-1849), o famoso artista de *ukiyo-e* (浮世絵), um gênero de xilogravura japonesa, que fez a ilustre gravura A Grande Onda de Kanagawa, acrescentou um posfácio à primeira edição de sua série “Cem vistas do Monte Fuji”: “Tudo que fiz antes dos setenta anos não é digno de nota. Foi aos setenta e três que, de alguma forma, comecei a entender a verdadeira estrutura da natureza: os animais e as ervas, as árvores e os pássaros, os peixes e os insetos. Em consequência, quando alcançar os oitenta anos deverei ter feito ainda mais progressos; aos noventa, espero haver penetrado o ministério das coisas; aos cem, decididamente terei alcançado uma maestria maravilhosa, e, com cento e dez anos, tudo o que eu fizer, cada ponto e cada linha, deverá ser instinto vital.” Em muitas de suas obras, Hokusai “dá vida” ao que criou mostrando a beleza da efêmera natureza.

Não é porque as coisas são momentâneas que se tornariam incompletas, mas sim, mediante as coisas serem momentâneas que se tornam encantadoras, assim como a natureza é impermanente, mas perfeitamente imperfeita.

Além da relação dos japoneses com a natureza, destaco também a hierarquização que está atrelada à sociedade japonesa. Segundo Ruth Benedict (1972), uma antropóloga que estudou o comportamento dos seus “inimigos mortais” em 1944, o período da Segunda Guerra Mundial, qualquer tentativa para entender os japoneses começa com a sua versão do que significa “assumir a posição devida”. A confiança dos japoneses na ordem e na hierarquia é algo básico, dentro da relação do japonês com seu semelhante e da relação do japonês para com o Estado. Para nós, ocidentais, é difícil atribuímos à hierarquização japonesa o seu devido valor como mecanismo social, “como é o caso da reverência, descrita como o ato de curvar-se “com diferentes ângulos, de acordo com a ‘importância’. Ou seja, a hierarquia dentro do padrão japonês” (KIKUCHI, 2004, p. 2). Namima, ao perceber quão importante é o “cargo” da deusa do reino dos mortos, prosta-se perante Izanami na escuridão do palácio, vangloriando-a, secretamente, em seus cânticos.

Além da hierarquização, enfatizo a lógica da coletividade que, segundo o antropólogo Araki Hiroyuki (1973), o indivíduo japonês, desde criança, é criado com esse senso de não se isolar do grupo. Em oposição, as crianças ocidentais são vistas pela lógica da individualidade, onde a criança é educada para caminhar sozinha. Namima, na ilha de Umihebi, desde pequena foi criada para não se separar do grupo, seguindo, mesmo que sem vontade, as regras da ilha.

No Japão, as crianças aos seis anos de idade já vão e voltam sozinhas da escola a pé sem o acompanhamento do pai ou da mãe, mas unida ao seu grupo. Quando há uma via mais movimentada, um adulto previsto para esse cargo, auxilia as crianças a cruzarem a rua, ensinando-as a ser mais independentes. Esses fatos são coisas inadmissíveis para os pais ocidentais.

Mesmo para um país que estava devastado depois da Segunda Guerra Mundial, conseguir se tornar uma das grandes potências mundiais foi quase um milagre para o nível da destruição. Com a ajuda dos norte-americanos, o Japão conseguiu se reerguer novamente e, obviamente, não podemos tirar o mérito dos japoneses nesse desenvolvimento. No entanto, o resultado desse esforço para reconstruir o país custou caro para a vida dos japoneses. Com a expansão da cultura

oriental no ocidente, todos esses pontos citados, a cultura do *shou ga nai* (しょうがない), a hierarquização e a lógica da coletividade foram romantizadas, classificando o japonês como uma “máquina” que consegue se adequar aos lugares.

O símbolo da ilha no formato de gota pode ser visto como a representação de uma lágrima, que caracteriza um sofrimento que vem por parte do indivíduo dentro da sociedade. Namima sofreu com as ordens dadas pelos superiores e, sem poder questionar, teve que cumprir algo que não quis para o bem da ilha. O senso de coletividade dos japoneses é tão elevado, que praticamente ignora o individual. A competitividade para serem os melhores, não deixa as pessoas consideradas “fracas” serem tratadas de maneira igualitária, pois elas atrapalham o desenvolvimento do país, deixando de lado os sentimentos humanos. “Ao nível nacional, sentem-se bastante satisfeitos por se confrontarem com o resto do mundo para provar que são os mais adaptados, que são a nação que deve figurar o topo da hierarquia. [...] O seu problema tem sido, nos tempos mais recentes, manter este espírito competitivo sem indesejáveis manifestações de arrogância com ideias de supremacia racial e sem sacrificar o bem-estar da população.” (HENSHALL, 2014, p. 139)

4. Considerações Finais

A elaboração desta monografia proporcionou a comparação do livro o Conto da Deusa com outras referências, como os filmes O túmulo dos vagalumes e A balada de Narayama. Além disso, apesar de a narrativa se passar nos primórdios da sociedade, pude assemelhar esse livro ao começo da sociedade japonesa, quando houve a criação do Xintoísmo, até os tempos modernos, com o fim da Segunda Guerra Mundial e o crescimento do Japão nos anos posteriores.

Com base nos pontos levantados durante o amadurecimento do texto, presumo que seja possível entrelaçar uma reflexão acerca da Segunda Guerra Mundial e de como o ser humano pode ser facilmente influenciável. Trago como exemplo o próprio piloto do avião que soltou a bomba nuclear, Tibbets, que mesmo anos antes da sua morte, manteve sua postura firme e inflexível, julgando outros seres humanos como “inimigos” em nome de Deus.

Concomitante a isso, acredito que tenha sido capaz de trazer uma ponderação sobre a atual sociedade japonesa. Embora seja um povo que saiu da calamidade para uma das maiores potências, não podemos classificar uma sociedade com frases ou ditados japoneses filosóficos, deixando de lado os sentimentos humanos.

Referências Bibliográficas

- ARAKI, Hiroyuki. **Nihonjin no Kōdōyōshiki** (Padrão de Comportamento dos Japoneses). Tóquio, Kōdansha, 1973.
- BEEVOR, Antony. **A Segunda Guerra Mundial**. Tradução: Cristina Cavalcanti. Rio de Janeiro: Record, 2015.
- BENEDICT, Ruth. **O Crisântemo e a Espada**. São Paulo, Perspectiva, 1972.
- BROWNLEE, John S. **Four Stages of the Japanese Kokutai (National Essence)**. Departamento de História, Universidade de Toronto, Toronto, 2000. Disponível em <https://www.adilegian.com/PDF/brownlee.pdf>. Acesso em 10/09/2022.
- CHAMAS, Fernando Carlos. **A escultura budista japonesa até o período Fujiwara (552-1185): a arte da iluminação**. Dissertação (Mestrado em Língua, Literatura e Cultura Japonesa) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006.
- GARCÍA, Hector; MIRALLES, Francesc. **Ikigai: os segredos dos japoneses para uma vida longa e feliz**. Tradução: Elisa Menezes. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2018.
- HASHIMOTO, Lica. **Crônicas do Japão. Príncipe Toneri e Ō-no-Yassumaro. Edição bilíngue Português/ Japonês (Nihonshoki)**. Tradução de Lica Hashimoto. São Paulo: SESC, Instituto Mojo, 2019.
- HENSHALL, Kenneth G. **História do Japão**. 2. ed. Lisboa: Edições 70, 2014.
- KIKUCHI, Wataru. **Sociedade japonesa: Base estrutural das relações sociais**. Estudos Japoneses, n. 24, pp. 107-124, São Paulo, Universidade de São Paulo, 2004.
- KUZNICK, Peter J. **Defending the Indefensible: A Meditation on the Life of Hiroshima Pilot Paul Tibbets, Jr.** The Asia-Pacific Journal, v. 6, issue 1, 2008. Disponível em https://www.academia.edu/72324318/Defending_the_Indefensible_A_Meditation_on_the_Life_of_Hiroshima_Pilot_Paul_Tibbets_Jr. Acesso em 10/09/2022.
- MILLER, Roy Andrew. **Japan's Modern Myth**. New York: Weatherhill, 1982.
- NATSUO, Kirino. **O conto da deusa (recurso eletrônico)**. Tradução Alexandre D'Elia. 1. ed. Rio de Janeiro: Rocco Digital, 2014.
- PELLEGRINO, Charles R. **O último trem de Hiroshima: os sobreviventes olham para trás**. São Paulo: Leya, 2010.
- PEREIRA, Ronan Alves. **O budismo japonês: sua história, modernização e transnacionalização**. Fundação Japão, São Paulo, 2006.

PINHEIRO, K. U.; VICENTE, J.; DOS REIS, M. da G. M. **A NARRATIVA CRÍTICA DE AKIYUKI NOSAKA EM HOTARU NO HAKA EM UMA PERSPECTIVA DE ENSINO DE LITERATURA JAPONESA.** *Revista Cerrados*, [S. l.], v. 25, n. 44, 2017.

Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/cerrados/article/view/13710>.

Acesso em: 10 set. 2022.

TERKEL, Studs. **'One hell of a big bang'**. In: *The Guardian*, 2002. Disponível em

<https://www.theguardian.com/world/2002/aug/06/nuclear.japan>. Acesso em

10/09/2022.

THE MEN Who Brought the Dawn: The Atomic Missions of Enola Gay and Bock's Car.

Produção de Jonathan S. Felt. Seymour, Connecticut: Greenwich Workshop, Inc.,

1995.